

## **Representatividade, Instituições e nós (aonde vamos ?)**



***Não é crise pois não é extraordinária. Mais do que uma excepcionalidade, a sensação de que nossas decisões não são respeitadas e levadas a cabo pelos poderes do Estado, tem sido uma constante e já se torna tradicional.***

***A ilusão que a farsesca República, uma mentira desde a sua concepção por um golpe e não por um movimento popular, pretende produzir ao sugerir que, dessa forma e dessa vez, a "rés pública" será não***



***só respeitada como o contribuinte/cidadão será participe e determinante de todas as decisões, já não mais se sustenta por si só, bastando para assim concluir verificar o distanciamento entre sociedade e estado, desde a sua, a República, "promulgação". Dessa ilusão ainda vive as várias e sucessivas Repúblicas, infames e injustas até hoje, e que se locupletam, perpetuando-se de forma abjeta, como se locupletaram e se locupletam os seus contínuos apêndices. Já de há muito se sabe que nossos representantes legislativos seguem em trajetória autônoma e descolada dos interesses das parcelas da sociedade que os viabilizaram pelos seus votos, como também se***

***verifica que as assim chamadas instituições também se portam de forma distinta às aspirações dos pagadores de impostos. Uma dos possíveis motivos dessa dissociação entre o que a sociedade quer e o que ela recebe de seus representantes e instituições, seria a sua baixa capacidade organizacional. Sempre foi percebida a sua quase incapacidade de reivindicar os seus anseios, desejos, metas, objetivos com um mínimo de organização. É notória a falta de sentimento comunitário do brasileiro médio, e não vai aqui nenhum juízo de mérito mesmo porque nos foi inculcado que "farinha pouco meu pirão primeiro", a partir de uma cultura de imediatismo quase que compulsório, derivado das inúmeras surpresas que os poderosos sempre nos brindam. Nunca se pode confiar no amanhã, não no Brasil. Além disso, não passamos pelo que, por exemplo, o assim chamado Velho Mundo passou em termos de catástrofes, epidemias, guerras, revoluções, que marcaram as suas vítimas e legaram no DNA das gerações futuras um forte senso de solidariedade e de objetivo comum. Quase que o "um por todos, e todos por um", como se dizia no romance de Alexandre Dumas. Vale registrar que o autor em nenhum momento quer justificar a "Lei de Gérson", mas que há muito mais entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia, lá isso há. É bem verdade que nos últimos anos se tem verificado uma evolução, em se tratando de formas organizadas de pleito, reivindicação, cobranças e acompanhamento. A Internet, sempre essa malévola inimiga dos obscuros, tem sido não só palco de discussão como meio também de pressão e cobrança. Temas como voto distrital; "Recall" de parlamentares; "impeachment" de membros do Poder Executivo e do Poder Judiciário ( onde um Supremo Tribunal Federal, sem um voto popular que seja, legisla...), por exemplo, tem sido veiculados e discutidos, assim como petições que demonstram esse tipo de preocupação também tem sido propostas. Vivemos um momento onde a Internet é o grande butim que os inimigos da liberdade (e, por conseguinte, da representatividade) almejam e se empenham em conquistar. Se nos for subtraída ou podada não há como sair da condição de cidadãos que gritam na direção de ouvidos moucos. Façamos a nossa parte. E que Deus nos ouça.***